Nagosa

Publicado no dia 02/03/2012

Nagosa, no extremo norte do nosso concelho, é terra ribeirinha do Tedo, de lendas místicas dos tempos mouros, de vegetação rastiça e humilde, de penedias com ar de assombro, de penhas escarpadas em promontório, de ermos com ar de tabernáculo, de horizontes que faíscam como metais ao sol, de veias que derramam miríades de metros cúbicos de água ao Douro, de oxigénios puros, de muros negros por onde o musgo pasta os seus herpes lucilantes, de boas sombras e paisagens ainda melhores.

O íncola, aqui, tanto se comprazeu no ermo como no pequeno colmeal, por vezes zumbente, da aldeia. Há vestígios remotos de povoamento tanto numas, como noutras partículas de um espaço verde, fértil e bafejado por ares de todas as latitudes. Debaixo da brasa do sol, da coberta luminescente das estrelas, do bufo do suão e da rajada oblíqua dos cântaros dos céus, esta terra fita-se erguida em montículo.

As serranias foram em tempos o subsolo aurífero destas terras bravias encastoadas no coração da Beira. Não representavam apenas obter o estrume que lá se cortava na roda do ano e o espaço que calcavam de manhã à noite os gados do pastoreio. Para os pobres, que os havia em formigueiro, as serranias de oiteiros de fetos e de penedais arbustivos, significavam a possibilidade de fazer o molho, encher o carrilho e, acima de tudo, a liberdade. Eram a extensão das aldeias rupestres e desabridas. Delas forjava-se a chamiça para o aquecimento, lenha para a invernia, mato de múltiplas essências vegetais como a caruma, os fieitos e os tojos, para lastrar os estábulos.

Foi assim num lugar fértil, onde cresciam muitas nogueiras, que se concentraram as criaturas que haveriam de criar a *Nucosa* (porque em Latim noz diz-se *nux*), mais tarde Nagosa. Explorou-se sobretudo o vinho, a noz e o azeite. No período moderno a localidade adquiriu um protagonismo até então inexperimentado. Aí se fixaram ramos da família Mergulhão e Cabral, que aí erigiram solar, assim como muitos outros indivíduos em busca das famosas propriedades das águas termais existentes na povoação, das quais se dizia serem as melhores do Reino. Em 1758 eram duas as fontes por onde brotavam águas dessa natureza. A Fonte das Virtudes e os Banhos. Esta última era muito frequentada nas vésperas do dia dos Apóstolos S. João e S. Pedro, por todos aqueles que se queriam curar de maleitas de reumatismo e moléstias cutâneas.

O documento conhecido mais antigo sobre Nagosa remonta a 1291, tratando-se de uma carta através da qual o Deão da Sé de Lamego atribuía o rendimento das vinhas que tinha nessa terra para custear uma lâmpada que deveria estar perpetuamente acesa no altar de Santa Maria da mesma catedral. Já antes deste tempo, Nagosa era parte integrante de Santa Maria de Lobozaim, integrando terras de Contim e Cabaços. Por esse motivo, o cura de Nagosa era apresentado pelo vigário de Castelo com um rendimento anual de 50 mil réis. Com o passar do tempo desenvolveu-se e veio a ser concelho independente. Já o era em 1527. Tinha uma extensão de meia légua de largo e outra de longo, onde habitavam 34 pessoas. Era o concelho pertença do couto de Leomil mas em 1758 já tinha deixado de estar adstrito às justiças dos Coutinhos, senhores de Marialva, para passar à jurisdição do rei.

O Estado suprimiu este concelho em 1834, integrando-o em Moimenta. Esta última autarquia tratou logo de vender a casa da Câmara e respectivo pelourinho, depois de desmantelado, não se sabendo hoje do seu paradeiro. Tinha limites bem definidos e eco disso a Memória Paroquial de 1758 descreve um monte que partia com as Vergadas, com a devesa da vila de Arcos e com a Cabeça Gorda onde se achavam cadeiras de pedra onde se sentavam os juízes ordinários de Moimenta da Beira, Nagosa, Sendim e Arcos.

Tem um templo de arquitectura interessante, assente em vigorosos pilares, vislumbrando-se no interior um altar-mor em talha dourada, um tecto magistral com caixotões eximiamente pintados com desenhos geométricos na capela-mor e figuras de santos na nave e ainda umas escadas com a data de 1696, presumivelmente de uma reconstrução. Outras composições arquitectónicas são de relevar, nomeadamente duas casas fidalgas, numa das quais é possível contemplar um brasão dos Cabrais que alude à primitiva família proprietária, do mesmo apelido, que se juntou a outros, como o dos Mergulhões, Coutinhos, Pintos, Bandeiras, entre outros.

Que mais dizer desta terra, a não ser que justifica que se visite?